

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
Faculdade de Ciências Sociais
Curso de Relações Internacionais

Oitavo Semestre

Trabalho de Conclusão de Curso

O Conflito Russo-Ucraniano: uma análise de política externa russa, das causas do confronto e dos objetivos russos

Giovanna Marcos de Albuquerque

RA00278100

São Paulo

2023

SUMÁRIO

Resumo.....	3
Introdução.....	4
1. Capítulo 1: A Política Externa Russa Contemporânea.....	5
1.1. Do Pós-URSS à Putin.....	5
1.2. A Política Externa Russa Contemporânea.....	7
2. Capítulo 2: O Conflito.....	10
2.1. Recuo Histórico.....	10
2.2. Um Panorama do Conflito.....	13
3. Capítulo 3: Os Objetivos Russos.....	16
4. Conclusões.....	20
5. Referências Bibliográficas.....	20

RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso analisa a política externa russa da contemporaneidade com a finalidade de entender suas atitudes e objetivos dentro do conflito Russo-Ucraniano. Outrossim, faz uma investigação acerca dos eventos precedentes ao confronto iniciado pela Rússia em fevereiro de 2022, tais como os protestos ucranianos em 2013, a deposição do presidente ucraniano Viktor Yanukovich e a anexação da Crimeia pela Federação Russa.

Palavras-chave: Rússia; Política Externa; Objetivos; Antecedentes; Guerra Russo-Ucraniana.

Introdução

A análise realizada no presente Trabalho de Conclusão de Curso considerou o passado histórico de ambos os países e a multiplicidade dos atores envolvidos. A cronologia dos eventos antecedentes ao confronto contemporâneo é fundamental para medir a complexidade que envolve a disputa. Além disso, a importância estratégica do território ucraniano é outro ponto a ser considerada, já que a Ucrânia é o segundo maior país em extensão territorial da Europa, (apenas atrás da Rússia); e faz fronteira com quatro Estados da OTAN (Polônia, Eslováquia, Hungria e Romênia). (Loureiro, 2022).

A atual guerra entre Rússia e Ucrânia se iniciou em 24 de fevereiro de 2022. Entretanto, as causas imediatas do conflito remetem ao fim da Guerra Fria, quando o segundo ator conquistou sua independência da antiga União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), em 1991 (Loureiro, 2022). As causas também não foram fatores isolados de motivações recentes, e sim a soma de diversos eventos históricos (Lebellem; Villa, 2022), o que torna crucial a análise histórica. Nos anos que se seguiram à independência ucraniana, ambas as nações se desentenderam em decorrência da busca russa por restaurar uma Ucrânia subordinada econômica e militarmente a Moscou; e do esforço ucraniano de concretizar sua autodeterminação política. Mesmo com líderes pró-Occidente e pró-Rússia no poder – como nos casos de Boris Yeltsin e os dois Leonid de Kiev -, a questão do status ucraniano continuava em um embate (Loureiro, 2022).

Dessa forma, desde o fim da União Soviética, a relação de ambas as nações foi marcada por limitações, constrangimentos e ameaças da integridade e soberania ucranianas, o que causava uma aproximação do país ao Ocidente. Nota-se, então, que o relacionamento já era conflituoso sem a interferência externa. Porém, a partir da decisão de Washington de que a OTAN deveria se expandir para o leste europeu, tal dilema de segurança se agravou. O contexto deixou de ser sobre uma perda de um território estratégico, e passou a ser visto como uma potencial grande derrota a medida em que espaços de influência da antiga União Soviética passariam a procurar pela OTAN para solucionar seus problemas de segurança (Loureiro, 2022).

Apesar da rivalidade, buscaram por formas de solucionar o dilema de segurança. A Ucrânia assinou o memorando de Budapeste de 1994, renunciando seu arsenal nuclear em troca do reconhecimento de sua integridade territorial, de sua soberania e da garantia de sua segurança no que remete à Rússia. Outrossim, em 1997, em troca da divisão da frota do Mar Negro, Kiev concordou em deixar o porto de Sebastopol, na Península da Crimeia, nos domínios russos até o ano de 2017. Todavia, as divergências acerca do status ucraniano frente

à Rússia não cessaram com tais acordos, o que fez com que Kiev mantivesse sua política de aproximação do Ocidente. Essa aproximação, em conjunto com a expansão da OTAN, complicava o dilema de segurança. Os acordos realizados, principalmente o que emprestava o porto de Sebastopol, facilitaram a invasão russa à Crimeia, já que esta foi vista com surpresa e, por isso, a Ucrânia teve pouca capacidade de resistência em um primeiro momento (Loureiro, 2022).

O apoio russo aos separatistas de Donbass aumentou o desejo ucraniano de se defender da Rússia por meio da ajuda militar do Ocidente, de acordos com a União Europeia e com seu processo de entrada na OTAN (Loureiro, 2022). Assim, encontram-se responsáveis por piorar o conflito: a expansão da OTAN para o leste europeu, o fornecimento de armas e de treinamento militar para a Ucrânia por parte da OTAN e o acúmulo de tropas da organização na Europa Oriental (Lebelem; Villa, 2022).

Considerando a disputa de narrativas envolvendo as origens e os objetivos da atual guerra, o presente Trabalho de Conclusão de Curso teve como finalidades específicas apontar: 1) as origens históricas do conflito e a cronologia dos eventos antecedentes ao mesmo; 2) os objetivos específicos almejados pela Rússia ao iniciar a Guerra com a Ucrânia em fevereiro de 2022; e 3) a estratégia de política externa que vem sendo empreendida por parte da nação russa; importante para a compreensão dos acontecimentos passados que levaram aos atuais (como já explicado anteriormente), já que, no campo literário, autores da ala “realista” defendem que, embora tenha reagido aos contextos internacionais, a política internacional russa tem um histórico de continuidade (Tsygankov, 2016).

Para tal, o trabalho conta com três capítulos com a intenção de analisar a política externa russa contemporânea; a antecedência do conflito, passando pela importância histórica e geopolítica da região ucraniana para a Rússia; e as causas das tensões e os objetivos russos específicos que levaram à guerra. Além da utilização de um recuo histórico, o projeto também conta com uma revisão bibliográfica baseada em fontes primárias e secundárias sobre a política internacional exercida pela Rússia e a confrontação atual.

1. Capítulo 1: A Política Externa Russa Contemporânea

1.1. Do pós-URSS à Putin

O fim da União Soviética gerou uma desordem geopolítica, na qual as fronteiras do Império reduziam a Rússia para suas bordas do início dos anos 1800 no Cáucaso e de aproximadamente 1600 – durante o reinado de Ivan, O Terrível -, na parte Ocidental. Como

consequência de tal fragmentação, o *status quo* russo foi desvalorizado frente à sua região e ao Sistema Internacional (Manuel, 2018).

A drástica redução fronteiriça foi seguida por uma política externa pensada por Yeltsin – presidente – e Kozyrev – ministro dos negócios estrangeiros – entre os anos 1991 e 1996. Durante tal período, a política externa russa foi caracterizada pela submissão ao Ocidente, em especial aos Estados Unidos. Yeltsin defendia que a Rússia deveria fazer parte do Ocidente e reproduzi-lo para seu desenvolvimento (Manuel, 2018).

Em um segundo momento, a política externa passou a ser pensada por Primakov, ministro dos negócios estrangeiros a partir de 1996, e contou com uma reorientação. Com o novo ministro, a Rússia viveu um período de 1996 a 1999 no qual buscava encontrar um equilíbrio de poder com o Ocidente. Primakov posicionou a dimensão oriental como fundamental para os interesses da direção externa e também tentou recuperar o papel ativo russo no seu “estrangeiro próximo”, o Oriente Médio e a América Latina (Manuel, 2018).

Em oposição ao Ocidentalismo de Yeltsin, Putin ascende à presidência nos anos 2000 e há um momento de ruptura de política externa. Com o atual presidente, a Rússia se empenha para afirmar-se como potência dominante da Eurásia e conta com uma política externa assertiva, pragmática, multivetorial (diversificação de aliados), com defesa da multipolaridade, da não-proliferação de armas de destruição em massa e da manutenção de sua influência em territórios da antiga União Soviética. Com essa postura, o país torna-se um *player* incontornável no Sistema Internacional (Manuel, 2018).

O ex-presidente Medvedev foi escolhido como sucessor de Putin em 2008 (pelo primeiro não poder concorrer a mais de dois mandatos consecutivos segundo a lei), e apenas continuou as políticas em andamento de seu antecessor. Medvedev buscou posicionar a Rússia como um *player* global e fazedora de novas regras globais (Manuel, 2018).

Assim como Putin escolheu Medvedev para substituí-lo em 2008, o líder russo ainda é conhecido por nomear figuras para cargos políticos. Nesse sentido, os principais atores do sistema governamental russo desde a chegada de Putin ao poder (quando o mesmo centralizou o poderio) são o presidente e seu corpo administrativo; o Parlamento dispendo de apenas um valor simbólico. Dessa forma, as decisões concentram-se em torno do presidente russo (Manuel, 2018).

O presidente é o ator que tem maior concentração de poder para a tomada de decisões e ele geralmente o faz pensando nos interesses nacionais russos. Nesse sentido, os principais interesses nacionais de política externa russos girariam em torno da prevenção do uso e da proliferação de armas de destruição em massa, a manutenção de suas de dissuasão nuclear, a

prevenção de ataques terroristas na Rússia, a manutenção da influência russa em territórios pertencentes a ex-URSS, garantir a ininterruptão dos fluxos energéticos - se certificando de que não haja nenhuma influência sob tais fluxos -, a proteção do atual sistema político e a defesa dos interesses econômicos da elite russa (Manuel, 2018 apud Allison; Blackwill, 2011).

1.2. A Política Externa Russa Contemporânea

Com o passar dos séculos, o território que hoje conhece-se e denomina-se como Federação Russa passou por inúmeras violações de fronteiras, desde os mongóis no século XIII até os franceses durante as Guerras Napoleônicas e os alemães durante as duas Guerras Mundiais. Conseqüentemente, foi criada uma estratégia de segurança de defesa baseada na expansão do território ao redor de seu centro político. No entanto, no mundo pós-soviético, a Rússia encontrava-se em meio a um colapso econômico e a uma desordem política, não podendo responder imediatamente aos avanços da União Europeia e da OTAN em direção aos espaços em que considerava necessários para sua proteção e sobrevivência (Lukyanov, 2016). Tal inatividade russa foi vista erroneamente pelo mundo Ocidental como um apoio para a nova ordem mundial (Lukyanov, 2016 apud Mark Leonard).

Mesmo sem tomar medidas efetivas contra as expansões ocidentais, desde 1994, o ex-presidente russo Boris Yeltsin verbalizou seu descontentamento com a situação, o que o Ocidente acreditou se tratar de expressões de uma mentalidade imperial. A intervenção da OTAN na Guerra no Kosovo em 1999 foi um momento crucial porque marcou mais do que o expansionismo da organização; ele determinou a transformação da mesma em um grupo que luta (através de operações militares no Afeganistão, Iraque e Líbia, por exemplo), o que difere do período da Guerra Fria, quando era caracterizada por ser uma organização militar de defesa (Lukyanov, 2016).

O desejo ocidental de expandir continuou, mesmo com as falhas no Oriente Médio, a crise de 2008 e a emergência da China. Dessa forma, a Rússia percebeu que a única maneira de reverter essas atitudes seria através da criação de um “punho de ferro” e que, para defender os interesses russos em suas fronteiras próximas, a nação deveria agir globalmente. O presidente Putin foi capaz de reestabelecer as funções do Estado e, em conjunto com o crescimento econômico (em decorrência do aumento dos preços de energia), a Rússia ganhou influência no cenário internacional, permitindo que colocassem a estratégia em prática (Lukyanov, 2016).

A troca de governo na Ucrânia em 2014 após protestos representou a gota d’água para Moscow e, seguindo a linha de raciocínio de seu “punho de ferro”, a Rússia agiu na Crimeia como uma resposta à persistência da União Europeia e da Organização do Tratado do Atlântico

Norte em expandir em direção aos países que pertenceram a União Soviética. Em seguida, decidiu que sua nova tática deveria ser utilizada na Síria e interveio no conflito para fortalecer Assad, mostrar suas capacidades militares e mudar o desenvolvimento da situação, aspectos nos quais foi bem-sucedida (Lukyanov, 2016).

Ao lidar com os países Ocidentais nos dois momentos citados, a Rússia anunciou para o mundo sua intenção de restaurar sua reputação de ator de importância fundamental dentro do sistema internacional. Assim, o governo Putin seria guiado pela vontade de manter a Rússia intacta e de voltar a ser uma grande potência mundial (Donaldson; Nadkarni, 2019 apud Dmitri Trenin). Mesmo assim, Lukyanov (2016) argumenta que não se sabe se os ganhos serão permanentes e que a Rússia ainda deve conquistar credibilidade no sistema internacional, o que pode ser ameaçado pela falta de uma estratégia econômica coesa. Nesse sentido, Lukyanov afirma que a Federação Russa estaria em uma crise de identidade, nem pertencendo totalmente à ordem liberal e nem criando uma alternativa estável; e que deveria focar em seu desenvolvimento econômico (Lukyanov, 2016).

Nessa perspectiva, com a anexação da Crimeia pela Federação Russa em 2014 e a entrada da mesma no conflito na Síria, muitos analistas impuseram a ela o título de “revisionista” que estaria tentando mudar o *status quo* e o consenso adquiridos com a ordem mundial do pós-Guerra Fria. Entretanto, na visão russa, seria apenas uma resposta às revisões cometidas pelo Ocidente que deveriam ser temporárias (Lukyanov, 2016).

Dessa forma, a Federação Russa caracteriza-se por ter uma política externa contemporânea que enfatiza:

- O multivetorialismo, que significa orientar a política externa em direção a vários sujeitos, ou seja, que valoriza a importância das relações com diferentes partes do mundo (Gvosdev; Marsh, 2014); é uma abertura contemporânea russa ao Oriente e ao Ocidente. Assim, a Rússia busca ampliar suas parcerias estratégicas, cooperações e acordos, por exemplo com países como Irã, Índia e China e parcerias com o Ocidente;
- O multilateralismo como tentativa de solução de conflitos internacionais pelo diálogo (a menos que este a envolva seus interesses nacionais, como se percebe com sua atual disputa). Nessa perspectiva, destaca sua relevância ao participar de estruturas multinacionais, como por exemplo o Acordo de Xangai e o BRICS. A Organização para Cooperação de Xangai é uma organização econômica e de desenvolvimento no plano energético e militar, enquanto o BRICS visa integrar macroáreas econômicas extra-ocidentais em que os países aderentes são protagonistas. Se propõe também a criar um

banco para o desenvolvimento e cooperação alternativo ao Banco Mundial. As duas organizações têm como objetivo o desenvolvimento comum de seus membros;

- O pragmatismo, a assertividade e a cooperação. Busca engajar o Ocidente em projetos de caráter globais, por exemplo, quando Putin trouxe a atenção mundial ao problema do terrorismo (se aproveitando para tentar justificar suas ações na Chechênia), ou quando a cooperação levou ao START I e II (Garcia, 2017). O discurso de Mônaco realizado por Putin em 2007 tornou-se o marco de sua assertividade, quando acusou os Estados Unidos de tentarem criar um unilateralismo e de serem imperialistas. Também afirmou que não toleraria políticas intervencionistas em sua soberania e segurança (Garcia, 2017 apud Putin, 2007);
- A ideia de fazer da Rússia um grande poder, recuperando seu *status* de potência global (com a finalidade de seu desenvolvimento), preservando seus interesses nacionais (Garcia, 2017);
- A oposição à grupos de vertentes liberais e o apoio a áreas de segurança e defesa, população comum e elite política no Ocidente (Garcia, 2017);
- As esferas de interesses especiais nos países do espaço pós-soviético, por exemplo, ao criar a União Aduaneira Eurasiática para tentar limitar a atuação da União Europeia no que considera seu espaço de influência (Garcia, 2017);
- A manutenção de “pontes” entre os territórios da União Europeia e da Rússia;
- A dimensão energética. Para garantir uma distribuição segura de energia para outras nações, a Rússia cria alianças com país como Alemanha e Turquia e, conforme aumenta sua parceria energética, também intensifica a comercial. Pensando em energia, o país ainda se caracteriza por se utilizar da estratégia de usar esse recurso como instrumento de opressão na política externa.

2. Capítulo 2: O Conflito

2.1. Recuo Histórico

Há um entrelaçamento dos acontecimentos atuais com os passados e, embora o presidente Vladimir Putin tenha iniciado a guerra no ano de 2022, esta tem causas muito mais profundas que apenas se salientaram com o tempo (D’anieri, 2023). Dessa forma, torna-se crucial a análise dos antecedentes de longo e curto termos para a compreensão da situação contemporânea.

Ucranianos e russos dividem um passado em comum: a Rus de Kiev, nas terras eslavas do leste que, no século 9, agrupava russos, ucranianos e bielorrussos (Oliveira Costa, 2022). O que, sem dúvidas, contribuiu para as falas de líderes russos de que os povos de ambos os países seriam “*one people*” (D’anieri, 2023; Vasco, 2022). Com o passar dos anos e inúmeras disputas, o território foi se dissolvendo. A Ucrânia, contou com alguns momentos de independência até o ano de 1922, quando se juntou à URSS. O ator só foi se tornar um Estado soberano e independente em 1991 – sem derramamento de sangue (D’anieri, 2023). Ou seja, a Ucrânia teve seu surgimento político relacionado à Revolução Russa em 1917, porém, em 1922 passou a fazer parte da URSS e só foi conquistar sua independência em 1991 com a dissolução do bloco soviético (Bezerra, 2023) - e, logo em seguida, Rússia e Ucrânia seguiram caminhos distintos, com momentos nos quais a Rússia se opunha ao Ocidente, enquanto a Ucrânia fazia movimentos de aproximação à União Europeia (UE) e à OTAN (Oliveira Costa, 2022). Com o fim da URSS, em 1991, os ex-países pertencentes ao bloco (com exceção das Repúblicas Bálticas e da Geórgia) se juntaram para formar a Comunidade dos Estados Independentes (CEI), a qual a Ucrânia se retirou em 2014 (Dellagnezze, 2022).

Em 1994, ambos assinaram o Memorando de Budapeste, pelo qual a Ucrânia garantiu à Rússia seus armamentos nucleares, em troca do reconhecimento de sua soberania e da sua segurança (Oliveira Costa, 2022; Mendes Filho, 2022). No mesmo ano, o país começou a se abrir para o Ocidente e, em 2002, fez um pedido formal para adentrar à OTAN (Aparecido; Aguilar, 2022).

Contudo, para a Rússia, a “queda da União Soviética foi o maior desastre geopolítico do século” (Aparecido; Aguilar, 2022), o que fez com que o ator buscasse reconquistar seu status de “*great power*” através da dominação ou influência de seus vizinhos, o que incluía o controle da Ucrânia. Esse contexto trazia o dilema de segurança para a Europa, que buscou propagar a democracia e suas instituições na Europa Oriental com a ideia de que a democracia promoveria segurança (D’anieri, 2023), o que levou à inúmeras declarações russas sobre o quanto os russos eram desfavoráveis à incorporação ucraniana pelas instituições ocidentais (Aparecido; Aguilar, 2022).

Já no ano de 2013, o atual presidente ucraniano – Yanukovich – decidiu por não dar continuidade ao acordo de liberalização comercial ucraniana com a UE e sim por se aproximar da Rússia, o que causou uma série de manifestações. Esses protestos, por sua vez, acabaram por originar na “Revolução da Dignidade”, em 2014, a qual depôs o presidente ucraniano – considerado como um golpe por Vladimir Putin (Oliveira Costa, 2022). Com a queda do governo pró-Rússia, e um momentâneo vácuo de poder (Dellagnezze, 2022), Putin temeu que

a UE e a OTAN pudessem se movimentar em direção à integração ucraniana (Aparecido; Aguilar, 2022) e, conseqüentemente, mudar irreversivelmente o *status quo* na Europa Oriental (D'anieri, 2023).

Para o líder russo, o aumento de influência estadunidense ou da OTAN sobre a Ucrânia, um território o qual ele considera ser de direito russo, seria inaceitável e prejudicial para a Rússia (Oliveira Costa, 2022). O país é visto como uma parte da Rússia e a sua aproximação com o Ocidente prejudicaria os planos russos de aumentar sua influência regional (Aparecido; Aguilar, 2022). Assim, ainda no ano de 2014, Putin anexou a até então República Autônoma da Ucrânia, a Crimeia, uma região predominantemente de cidadãos de origem russa e de grande importância estratégica por ter uma saída para o Mar Negro (única saída de águas quentes para a Rússia) e a base naval de Sebastopol (Oliveira Costa, 2022).

O país sempre esteve consciente da relevância geoestratégica apresentada pelo Mar Negro, que também facilitaria as conquistas russas na Ásia. Sendo assim, ao longo de sua história, contou com posicionamentos de aumentar sua dominância no local e garantir o privilégio militar no mesmo (Kus, 2019). No entanto, o território que interligava a Rússia ao Mar Negro, a Crimeia, foi doado em 1954 por Khrushchev à Ucrânia, e se tornou uma região autônoma dentro da extensão ucraniana até se declarar uma república autônoma com os conflitos de 2014, seguido por um referendo que garantiu a incorporação russa (Bezerra, 2023).

Outrossim, Putin reforça a divisão identitária que há na Ucrânia, onde o oeste tem população em que a maioria se identifica com a identidade ucraniana, enquanto o leste é majoritariamente leal à Rússia (Aparecido; Aguilar, 2022), intensificando os conflitos locais. Após a anexação da Crimeia, o Protocolo de Minsk foi assinado em 2015 como uma tentativa de finalizar os conflitos no leste da Ucrânia, mas fracassou (Dellagnezze, 2022). Assim, as tensões continuaram entre as entidades regionais apoiadas pela Rússia e o governo da Ucrânia (Diniz, 2022).

Em 2021, a Rússia concentrou tropas em sua fronteira com a Ucrânia, mas garantiu que eram apenas “exercícios em resposta a atividades militares ameaçadoras” da OTAN perto de suas fronteiras e acusou os países ocidentais de ampliarem as inquietações ao conferirem armamentos à Ucrânia e ao realizarem “exercícios militares provocativos” no Mar Negro, perto de seus limites territoriais. No início de 2022, Putin anuncia uma “operação militar especial” em Donbass com o objetivo de “desmilitarizar e desnazificar” a região, em razão das violências e um suposto genocídio cometidos por parte ucraniana aos russos étnicos separatistas (Aparecido; Aguilar, 2022; Oliveira Costa, 2022). Como resultado, os países ocidentais

impuseram uma série de medidas de sanções contra a Rússia e Kiev entrou com um pedido oficial para uma admissão imediata à União Europeia (Aparecido; Aguilar, 2022).

Ademais, a possível entrada da Ucrânia na OTAN “geraria instabilidade na região e não contribuiria para a paz mundial”, o que consistiria em uma invasão fundamentada na legítima defesa (Dellagnezze, 2022, p. 40). Nessa perspectiva, muitos autores afirmam que a guerra tenha sido causada por temor do avanço ocidental, já que desde meados de 1990 a Rússia se opõe claramente à expansão da OTAN (Aparecido; Aguilar, 2022). Assim, Paulo Mendes Filho (2022) aponta que a guerra atual tenha sido uma consequência da expansão da OTAN, enquanto Volodymyr Kravchenko (2022) garante que os motivos tenham sido geopolíticos pois, segundo o autor, um país que tem o controle sob a Ucrânia, controla toda a fronteira leste-europeia. O autor Eugenio Diniz (2022), no entanto, acredita que essa seja apenas uma parte da questão.

Enquanto Kiev insiste que a invasão viola o Memorando de Budapeste assinado pela Rússia – que previa segurança e reconhecimento ucraniano em troca do arsenal nuclear deixado pela URSS -, para acabar com o conflito, Putin exige o reconhecimento da anexação da Criméia, a desmilitarização e a desnazificação da Ucrânia e uma garantia de que esta nunca será aceita na OTAN (Mendes Filho, 2022).

2.2. Um Panorama do Conflito

A invasão russa ao território ucraniano teve início no dia 24 de fevereiro de 2022 sob a justificativa do presidente Vladimir Putin de estar buscando proteger os moradores de Donbass do genocídio que os ucranianos estariam cometendo a estes habitantes com ideais separatistas (Oliveira Costa, 2022). Entretanto, embora a guerra tenha iniciado no ano de 2022, as origens do conflito entre Rússia e Ucrânia não são atuais, e sim históricas (Oliveira Costa, 2022). Diferentes autores enquadram as procedências do confronto em momentos distintos. René Dellagnezze (2022), por exemplo, acredita que a tensão se estende desde 2014, assim como Paulo Mendes Filho (2022), que considera que tudo seja uma escalada de tensões com início em 2014; e Eugenio Diniz (2022), que declara que a guerra de 2022 seja uma Campanha; uma nova invasão que faria parte da guerra iniciada em 2014 (Diniz, 2022).

Paul D’Anieri (2023), por sua vez, considera que a atual guerra se iniciou com o fim da URSS e que esta seria a “maior guerra na Europa desde 1945”. O autor acredita que os problemas que levaram aos acontecimentos de 2014 e 2022 surgiram com as dinâmicas que emergiram no pós-Guerra Fria e que se salientaram com o tempo (D’anieri, 2023). Nesse ponto de vista, segundo Christian Dias (2022), o confronto teria iniciado quando o espaço ucraniano passou a ser independente, em 1991. Outrossim, o fim da URSS teria levado a muitas disputas

geopolíticas, tais como as Guerras da Chechênia (1994 e 1999). Segundo Dias dos Santos, a atual guerra entre Rússia e Ucrânia seria apenas mais um conflito originado da fragmentação do bloco soviético (Dias dos Santos, 2022). Maria Gabriella Oliveira Costa (2022), acrescenta que os princípios do combate, assim como dos interesses por trás de tal, seriam históricos, territoriais e políticos (Oliveira Costa, 2022).

Nos primeiros anos após a separação da União Soviética, Rússia e Ucrânia teriam se mantido próximos, mas, ao longo da década de 1990, sua relação passou a englobar atritos referentes a disputas pelo gás natural (Brustolin, 2022). De acordo com Oliveira Costa (2022), os países passaram a seguir caminhos diferentes após a entrada de Putin ao poder, em 1999, representado pela oposição russa ao Ocidente e a aproximação ucraniana com a União Europeia e a OTAN. Outrossim, o presidente acreditava que o antigo território do bloco soviético deveria continuar sob influência russa. Tal espaço geográfico seria fundamental para a Rússia por sua riqueza em recursos naturais, sua ligação com a Europa e sua função de “Estados-tampões”, que seriam zonas de influência, composta por países alinhados ou neutros, entre a Rússia e o Ocidente (Dias dos Santos, 2022).

De acordo com Christian Dias (2022), os Estados Unidos, por sua vez, também geraram políticas de contenção para impedir o avanço russo em áreas fora de sua atuação geopolítica, como por exemplo, a Organização do Tratado do Atlântico do Norte (OTAN). A OTAN foi fundada no ano de 1949, no início da Guerra Fria, com 12 membros: Bélgica, Canadá, Dinamarca, Estados Unidos, França, Islândia, Itália, Luxemburgo, Noruega, Holanda, Portugal e Reino Unido. Sua criação objetivava contrapor o Pacto de Varsóvia, aliança militar que compreendia os soviéticos e seus aliados. Entretanto, mesmo após o fim da União Soviética, a OTAN continuou se expandindo e passou a integrar membros que possuíam fronteira com o território russo, como a Estônia, Letônia e Lituânia. Dias dos Santos ainda acrescenta que a União Europeia também seria uma política de contenção frente à Rússia, só que esta estaria no campo econômico e, a maioria dos membros pertencentes à OTAN, também fazem parte da UE (Dias dos Santos, 2022).

Quanto à relação entre Rússia e Ucrânia, ambas as nações possuem fortes ligações culturais e econômicas e, a segunda, seria estrategicamente importante para as forças navais russas. A relação entre ambos teria se desgastado mais fortemente no ano de 2013 quando, por pressão russa, a Ucrânia recuou em um acordo comercial com a UE. Após a desistência do acordo, a população ucraniana deu início a protestos contra o presidente pró-Rússia, que foi deposto. Em seguida, o país passou a ter interações mais estreitas com o bloco europeu e a

Rússia vem apoiando regiões separatistas pró-Rússia localizadas no leste da Ucrânia (Dias dos Santos, 2022).

Em continuidade, o ano de 2014 englobou momentos de crise na região, quando a “Revolução da Dignidade” estourou após protestos e levou à queda do então presidente ucraniano, o que Putin considerou como um golpe. No mesmo ano, a Rússia anexou o território da Crimeia (Costa, 2022). Tal anexação teria sido vista com naturalidade por parte dos russos - que sempre viram o território como uma área russa -, enquanto chocou o Ocidente (Cândido da Silva; Luigi, 2022).

Atualmente, Putin considera inaceitável que haja um aumento de influência da OTAN e dos Estados Unidos no país. Por isso, o papel dos dois atores é considerado fundamental na atual guerra (Costa, 2022). Em 2021, Putin declarou em diferentes ocasiões, que o Ocidente não deveria ultrapassar os limites russos. Em sua visão geopolítica, a Ucrânia faria parte de tal limite de espaço de influência. Segundo essa linha de raciocínio, a invasão russa no ano de 2022 seria uma resposta ao avanço Ocidental e, uma afirmação, de que a Rússia não tolerará qualquer tipo de influência - econômica, política e/ou cultural – em territórios que acredita ser de sua influência (Dias dos Santos, 2022).

Para Dias dos Santos (2022), a atual guerra é mais um conflito geopolítico que busca estabelecer poder e hegemonia, apenas causa o choque na opinião pública por estar ocorrendo no espaço europeu, que é visto como “avançado, civilizado, moderno e próspero” (Dias dos Santos, 2022, p. 7). Loureiro (2022), no entanto, enquadra o confronto dentro do que William Sewell Jr. chamou de “eventos estruturais” que têm o poder de transformar estruturas de longo prazo no Sistema Internacional (Loureiro, 2022).

Com um destino incerto, a guerra continua com superioridade militar russa e resistência ucraniana e com resultados catastróficos, tais como os milhões de refugiados ucranianos que buscam asilo (Oliveira Costa, 2022). Entretanto, as frentes de contenção à Rússia, já citadas anteriormente, estão revidando economicamente através de sanções econômicas a bancos russos e da expulsão do país do sistema *SWIFT*; militarmente, por meio do apoio militar dos países da OTAN à Ucrânia; e com a opinião internacional frente ao conflito, o que já acarretou a expulsão do país em eventos de esportes. Cândido da Silva e Luigi, participantes do livro “Ucrânia sob fogo cruzado: a geo-história de uma guerra” (2022), destacam a importância da mídia no conflito, que teria se transformado em um grande ator internacional, e também apontam a disputa de narrativas (Cândido da Silva; Luigi, 2022).

A Rússia, por sua vez, contra-ataca os métodos ocidentais de contenção através dos preços do petróleo, do fornecimento de produtos agrícolas e no embargo da cadeia produtiva

de metais (Dias dos Santos, 2022). Com a consideração da Ucrânia ser um membro da OTAN (Diniz, 2022), para que haja um cessar-fogo, o líder russo exige que o país se comprometa em ser uma nação neutra em vias constitucionais e, que haja o reconhecimento da soberania russa sobre as localidades da Crimeia, de Donbass e Lugansk (Cândido da Silva; Luigi, 2022).

Loureiro (2022), considera que a resistência ucraniana nunca seria possível sem a ajuda externa. Outrossim, o autor acredita que seja pouco provável que a Ucrânia aceite tais reivindicações russas e expõe que os caminhos intermediários devem envolver concessões russas de demandas como as de desmilitarização e desnazificação do país e desistências ucranianas, com perdas territoriais. Contudo, Loureiro crê na vitória russa sobre a Ucrânia, contando com a incorporação de territórios ucranianos e de uma possível instalação de um governo pró-Rússia em Kiev (Loureiro, 2022).

De qualquer forma, mesmo que o revisionismo russo fique restrito à Ucrânia ou que a Rússia seja contida, o conflito Russo-Ucraniano do ano de 2022 deixará profundas consequências geoeconômicas que marcarão a história do século XXI e que terão a capacidade de mudar as relações internacionais do pós-Guerra Fria.

Dessa forma, os principais fatores para o conflito são:

- O passado comum entre Rússia e Ucrânia;
- Os laços culturais;
- A posição estratégica da Ucrânia: ponte entre União Europeia e Rússia e conexão com Mediterrâneo (forma com a qual a Rússia se projeta em tal espaço);
- Os interesses russos em manter sua influência no espaço pós-soviético - considerando sua importância para a política externa russa -, não tolerando a atuação de outros atores na área que considera ser de sua interferência;
- Uma resposta à aproximação ucraniana ao Ocidente (em sequência do fator acima).

3. Capítulo 3: Os Objetivos Russos

Para justificar a invasão, Putin utilizou-se de argumentos como o combate ao nazismo na Ucrânia, a proteção da população de língua russa no Leste ucraniano e a dissuasão em contrapartida ao expansionismo da OTAN. Entretanto, Ferraro (2022), acredita que a invasão, na verdade, daria sentido à Organização, que seria fortalecida e aumentaria suas forças militares no Leste Europeu, ao invés de afastá-las. Adicionalmente, o autor expõe laços russos com grupos ultranacionalistas e que as mortes russófonas teriam aumentado com a guerra, assim

como as regiões de língua russa em território ucraniano teriam resistido intensamente durante a invasão (Ferraro, 2022).

Para o autor, o líder russo teria motivações egoístas em relação ao conflito, de forma que a guerra levaria à construção de um “outro”, um inimigo, o que, conseqüentemente, fortaleceria seu regime autoritário - a ideia é que haja uma relativização da democracia em benefício da ordem -, estimularia o nacionalismo, uniria seu povo e daria a Putin maior popularidade; o que, segundo o autor, estaria funcionando (Ferraro, 2022).

Como dito anteriormente, a Rússia realmente se preocupa com a expansão da OTAN (Aparecido; Aguilar, 2022; Diniz, 2022; Lebelem; Villa, 2022; Mendes Filho, 2022). No entanto, isto é apenas metade da história - seja pelos interesses domésticos do líder ou pelos objetivos estratégicos da nação. De fato, o país invadiu a Geórgia em 2008 – para evitar a incorporação dos territórios da Abecásia e da Ossétia do Sul -, após uma declaração formal da OTAN de que Ucrânia e Geórgia se tornariam membros da organização. E, em 2014, também invadiu a Ucrânia depois da entrada de um líder pró-OTAN no governo. Pensando na Ucrânia, a importância de seu território para a Federação da Rússia é associada à Península da Crimeia e à base de Sebastopol (Diniz, 2022).

A falta de transparência quanto aos objetivos é uma tática estratégica empregada por ambas as partes. Conseqüentemente, se deve pensar nos interesses a partir de características prévias da situação, em conjunto com os novos acontecimentos (Diniz, 2022). Considerando os textos de Diniz (2022) e Ferraro (2022), alguns objetivos específicos podem ser apontados:

Objetivo específico	Nível de análise	Descrição
Condição de “neutralidade” ucraniana em relação à OTAN	Externo	Com tal exigência, a Rússia espera que a Ucrânia mantenha uma posição permanente de não-aderência à OTAN (Diniz, 2022)
Aceitação por parte da OTAN, da liderança russa sobre os territórios de países ex-URSS, com exceção dos pertencentes à OTAN	Externo	O reconhecimento pode vir a ser implícito, porém deve claramente expressar a identificação pela OTAN, da autoridade russa nos países ex-União Soviética (Diniz, 2022)
Concordância formal da Ucrânia em desmilitarizar permanentemente o seu país	Externo	A Ucrânia deve aceitar a sua desmilitarização formalmente, com a intenção de não haver resistências

		posteriormente ao controle russo (Diniz, 2022)
Garantir um acesso seguro à Crimeia	Externo	Para isso, se certificando do controle sobre Luhansk e Donetsk. A Rússia quer fortificar o seu poder sobre a Crimeia e assegurar seu acesso à Sebastopol (Diniz, 2022)
Garantir passagem segura para as exportações russas (especialmente o gás)	Externo	Historicamente, a Ucrânia é uma importante rota de passagem para as exportações russas, e garantir a segurança de tal percurso é um interesse econômico
Enfraquecer as forças militares ucranianas e dificultar sua reconstrução	Externo	Com a ideia de estender o seu controle com o mínimo de gastos e esforços possíveis (Diniz, 2022)
Impossibilitar o deslocamento de recursos para as forças ucranianas e oposições armadas	Externo	A partir dos territórios de Mariupol, Mykolayiv, Kherson, Odessa, estradas do Oeste e Noroeste da Ucrânia (Diniz, 2022)
Legitimação ucraniana da anexação do território da Crimeia pela Rússia, e da independência de Donetsk e Luhansk	Externo	Idealmente, deseja também o sancionamento internacional (Diniz, 2022)
O fim das sanções à Rússia	Externo	Idealmente, deseja o término de todas elas (Diniz, 2022)
Manter a balança de poder europeia	Externo	Estratégia de manter a hegemonia russa no espaço ex-URSS (Ferraro, 2022) como forma de manter determinada balança de poder europeia
Dissuadir o expansionismo da OTAN	Externo	Estratégia de manter a hegemonia russa no território ucraniano como modo de dissuasão ao expansionismo da OTAN
Garantir a segurança e os direitos das populações étnicas russas vivendo em outros países	Externo	O leste ucraniano contava com uma população majoritariamente de etnia russa, esta também sendo pró-Rússia. Nesse sentido, a guerra de 2022 começou com uma das justificativas

		de proteger e desnazificar a região. Assim, a segurança dessas populações torna-se um objetivo russo
Tentar aumentar o autoritarismo, o nacionalismo, e a popularidade do líder em seu âmbito doméstico	Interno	Ao construir a narrativa de que a Rússia se encontraria cercada de inimigos, Putin tenta criar um sentimento de unidade em seu povo (Ferraro, 2022)

Dessa forma, a prioridade russa no território ucraniano é garantir seu acesso terrestre à Península da Crimeia e à base de Sebastopol. Para atingir esse resultado, a estratégia que a Federação Russa tem tomado é de limitar as forças ucranianas – e impedir sua capacidade de reconstrução -, para que não haja a contestação de seu controle. Diniz (2022), explica que tais objetivos não poderiam ser conquistados com uma aquisição veloz e curta de Kiev, e o estabelecimento de um governo não-autônomo pró-Rússia, já que uma oposição duradora poderia se manter (Diniz, 2022).

O domínio sobre Luhansk e Donetsk e o acesso à Crimeia foram resultados conquistados; porém não se tem informações sobre as forças ucranianas, não podendo afirmar que elas têm realmente sido reduzidas. Nesse sentido, algumas análises apontam a dificuldade das forças russas em enfraquecer as ucranianas por conta de sua lentidão em avançar. Contudo, Diniz (2022) afirma que este não é um bom recurso para análise, já que tamanha demora poderia significar a fabricação do desgaste das forças ucranianas ou a subestimação das forças militares da Ucrânia por parte dos analistas ocidentais (Diniz, 2022).

Outrossim, considerando a oposição internacional e o seu apoio à Ucrânia, a Rússia acaba por sofrer com a falta de incentivos em se contentar com um desfecho neste momento, já que o outro país poderia vir a ser fortalecido por outras nações aliadas e, então, tentar reconquistar os territórios obtidos pela Federação Russa (Diniz, 2022). Ainda segundo Diniz (2022), é de se esperar que assim que a Rússia consiga acabar com a entrada de recursos que ajudem à Ucrânia, esta seja completamente anexada, mesmo que sem o reconhecimento internacional (Diniz, 2022).

Já pensando nos objetivos ucranianos, estes envolveriam a recuperação da autoridade absoluta sobre os territórios de Luhansk, Donetsk, Crimeia, Kherson e Zaporizhzhia; a expulsão das forças russas sem perdas territoriais – ou sem o reconhecimento internacional da anexação dos territórios citados; a sobrevivência ucraniana como uma unidade política; e a volta à ponderação à entrada na OTAN (Diniz, 2022).

4. Conclusões

Após o estudo feito, pode-se concluir que o espaço pós-soviético tem uma grande relevância na política externa russa, que tenta aumentar sua influência regional. A Ucrânia, em especial, possui uma posição estratégica, servindo de rota para as exportações russas, de ponte entre a Rússia e a União Europeia e Sebastopol é sua forma de se projetar no Mediterrâneo. Além desses interesses geopolíticos e econômicos, ambas as nações contam com laços históricos e culturais, a Ucrânia sendo parte integrante da história russa – e o presidente Putin é um grande estrategista que se baseia na história da Rússia.

Embora o poderio esteja concentrado nas mãos do presidente, o mesmo age em prol dos interesses nacionais da nação, alguns estabelecidos a muito tempo. Foi demonstrado que a região sempre foi importante para o que hoje é a Rússia; a Crimeia tendo sido disputada antes e conquistada pela imperatriz Catarina, por exemplo.

Assim, Putin quer manter a Ucrânia dentro da esfera de influência russa (assim como muitos líderes antes dele), caracterizando as tentativas de aproximação da União Europeia e da OTAN como catalisadores do conflito. Nesse sentido, assim como Henry Kissinger afirmou, o Ocidente deve entender que a Ucrânia nunca será vista pela Federação Russa como qualquer outro país estrangeiro (Kissinger, 2014).

O foco principal para o fim dessa guerra de território e de identidade, que busca estabelecer poder e hegemonia, é que a Ucrânia não entre nas alianças ocidentais (UE e OTAN) e que não se alinhe ao Ocidente, mas que se mantenha neutra. Outro fator significativo é a ideia de garantir rotas seguras para a Rússia, terrestres e marítimas, assim como manter a Ucrânia como um “Estado-tampão”.

5. Referências Bibliográficas

ADALBERTO CAMPATO JR., João. A Guerra Russo-Ucraniana e os discursos sobre o imperialismo da nova desordem mundial. **Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, n. 22, v. 1, 2022. Disponível em: <http://periodicos.uesc.br/index.php/eidea/article/view/3356/2243>. Acesso em: 30 de abril de 2023.

AGUILAR, Sergio Luiz Cruz; APARECIDO, Julia Mori. A Guerra entre a Rússia e a Ucrânia. **Observatório de Conflitos Internacionais**, Série Conflitos Internacionais, v. 9, n. 1, fev. de

2022. Disponível em: <https://www.marilia.unesp.br/Home/Extensao/observatoriodeconflitosinternacionais/v.-9-n.-1fev.-2022.pdf>. Acesso em: 30 de abril de 2023.

BEZERRA, Rafael P. Formação, evolução e possíveis implicações da Guerra Russo-Ucraniana para o cenário internacional e para o Brasil. **Revista do Exército Brasileiro**, v. 159, n. 1, 49-56, maio 2023. Disponível em: <http://www.ebrevistas.eb.mil.br/REB/article/view/11752/9402>. Acesso em: 27 de ago. de 2023.

BRUSTOLIN, Vitelio. Pesquisador da UFF esclarece as motivações históricas da guerra entre Rússia e Ucrânia. **Portal Eletrônico da Universidade Federal Fluminense**, 24 de fev. de 2022. Disponível em: <https://www.uff.br/?q=noticias/24-02-2022/pesquisador-da-uff-esclarece-motivacoes-historicas-da-guerra-entre-russia-e>. Acesso em: 28 de set. de 2022.

CHRISTIAN DIAS DOS SANTOS, Jonathan. O conflito russo-ucraniano, disputas geopolíticas e o espaço geográfico: a competição pela hegemonia global. **Boletim de Conjuntura**, Ano IV, Volume 9, N 27. Boa Vista, 2022. Disponível em: <https://revista.ioles.com.br/boca/index.php/revista/article/view/589/417>. Acesso em: 28 de set. de 2022.

D'ANIERI, Paul. *Ukraine and Russia: from civilized divorce to uncivil war*. **Cambridge University Press**, second edition, 2023.

DELLAGNEZZE, René. O Conflito Rússia e a Ucrânia. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, 12-79, 2022. Disponível em: <https://www.periodicorease.pro.br/rease/article/view/4960/1868>. Acesso em: 30 de abril de 2023.

DINIZ, Eugênio. Rússia versus Ucrânia em 2022: tentativa de análise e aprendizado. **CEBRI-Revista**, Ano 1, N 3, Jul-Set 2022. Disponível em: <https://cebri-revista.emnuvens.com.br/revista/article/view/51/64>. Acesso em: 2 de out. de 2022.

DONALDSON, Robert H.; NADKARNI, Vidya. *The Foreign Policy of Russia: changing systems, enduring interests*. **Routledge**, sexta edição, 2019.

DUARTE VILLA, Rafael; LEBELEM, Cristiane. A guerra russo-ucraniana: impactos sobre a segurança regional e internacional. **CEBRI-Revista**, Ano 1, N 3, Jul-Set 2022. Disponível em: <https://cebri-revista.emnuvens.com.br/revista/article/view/56/72>. Acesso em: 20 de nov. de 2022.

FERRARO JUNIOR, Vicente G. A Guerra na Ucrânia: Uma análise do conflito e seus impactos nas sociedades russa e ucraniana. *Conjuntura Austral*, **Journal of the Global South**. São Paulo, Brasil, 2022. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/ConjunturaAustral/article/view/128157/87131>. Acesso em: 2 de out. de 2023.

GARCIA, Cibele Nascimento. Política Externa Russa na Presidência Putin e suas Intervenções na Ucrânia em 2014. Universidade Federal de Santa Catarina, Departamento de Economia e Relações Internacionais, Curso de Graduação em Relações Internacionais. Florianópolis, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/178794/Monografia%20da%20Cibele%20Nascimento%20Garcia.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 20 de nov. de 2023.

GVOSDEV, Nikolas K.; MARSH, Christopher. *Russian Foreign Policy: Interests, Vectors and Sectors*. **SAGE**, 2014.

KISSINGER, Henry. *Per risolvere la crisi ucraina si inizi dalla fine*. **The Washington Post**, março de 2014.

KRAVCHENKO, Volodymyr. A Guerra da Rússia contra a Ucrânia: História Cíclica vs. Geografia Fatal. **Journal of Ukrainian Studies**, 9 (1), 201-208, 2022. Traduzido por Guilherme Bianchi. Disponível em: [file:///C:/Users/gimar/Downloads/56217-158650-1-SM%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/gimar/Downloads/56217-158650-1-SM%20(1).pdf). Acesso em: 30 de abril de 2023.

KUS, Aysegul. *The Projections of the English Politics in the Caucasia/ Central Asia and the Black Sea Against the Russian Expansionism in the 19th century in the Works of Edmund Spencer*. **Journal of Black Sea Studies**. Karadeniz Incelemeleri Dergisi, Bahar, 415-438, (26),

Spring 2019. Disponível em: <https://dergipark.org.tr/en/download/article-file/676038>. Acesso em: 28 de ago. de 2023.

LOUREIRO, Felipe. A Guerra na Ucrânia: significados e perspectivas. **CEBRI-Revista**, N 3, Jul-Set 2022. Disponível em: <https://cebri.org/revista/br/artigo/27/a-guerra-na-ucrania-significados-e-perspectivas>. Acesso em: 20 de nov. de 2022.

LUKYANOV, Fyodor. *Putin's Foreign Policy: The Quest to Restore Russia's Rightful Place*. **Foreign Affairs**, v. 95, n. 3, Maio/Jun. de 2016. Disponível em: [file:///C:/Users/gimar/AppData/Local/Microsoft/Windows/INetCache/IE/83DLSP7G/Fyodor Lukyanov - Putin's Foreign Policy\[1\].pdf](file:///C:/Users/gimar/AppData/Local/Microsoft/Windows/INetCache/IE/83DLSP7G/Fyodor_Lukyanov_-_Putin's_Foreign_Policy[1].pdf). Acesso em: 20 de jun. de 2023.

MANUEL, Héric S. R. A Reformulação da Política Externa Russa Durante a Presidência Putin-Medvedev. Dissertação para obtenção de grau de Mestre em Relações Internacionais. **Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas**, Universidade de Lisboa. Lisboa, 2018. Disponível em: https://www.repository.utl.pt/bitstream/10400.5/14725/1/H%C3%A9ric%20Manuel_MRI.pdf. Acesso em: 1 de out. de 2023.

MARTINS SENHORAS, Elói (organizador). Ucrânia sob fogo cruzado: a geohistória de uma guerra. **Editora IOLE**, 2022.

MENDES FILHO, Paulo. Conflito entre Rússia e Ucrânia: Quais os interesses de cada um?. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, v. 8, n. 3. São Paulo, 2022. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/4720/1828>. Acesso em: 30 de abril de 2023.

OLIVEIRA COSTA, Maria Gabriella. As raízes da guerra: Rússia e Ucrânia. **Observatório da Democracia no Mundo**, 2022. Disponível em: <http://odec.iri.usp.br/analises/as-raizes-da-guerra-russia-e-ucrania%EF%BF%BC/>. Acesso em: 28 de set. de 2022.

SÁ GUIMARÃES, Feliciano de; KALOUT, Hussein. A Guerra na Ucrânia e suas implicações para as relações internacionais. **CEBRI-Revista**, Ano 1, N 3, Jul-Set 2022. Disponível em:

https://cebri.org/revista/media/revistas/arquivos/CEBRI-Revista_3a_edicao_Jul-Se.pdf.

Acesso em: 20 de nov. de 2022.

TSYGANKOV, Andrei P. *Russia's Foreign Policy: Change and Continuity in national identity*. Fourth Edition. **Rowman & Littlefield Publishers**, 2016.

VASCO, Joaquim Domingos. A Guerra Contemporânea Rússia e Ucrânia, suas consequências para o mundo em particular Moçambique. **Revista Portuguesa de Gestão Contemporânea**, v. 3, n. 1, p. 18-30, 2022. Disponível em: <file:///C:/Users/gimar/Downloads/editorae,+2+guerra+russia+ucrania.pdf>. Acesso em: 30 de abril de 2023.